

## Inquérito: A Declaração de Bolonha

A Declaração de Bolonha, e sobretudo o modo como se propagou, constitui um fenómeno muito estranho e raro. É difícil encontrar outra ideia que se tenha propagado tão rapidamente. Quase sem discussão, praticamente escapando ao crivo da análise crítica, tem-se imposto. As ideias novas costumam encontrar inúmeros opositores, defrontar-se com exames críticos e ser objecto de debates orais ou escritos. Não foi bem este o caso e Bolonha parece avançar de vento em popa. Mas há qualquer coisa de esquisito: quando perguntamos o que pensa de Bolonha, deparamos, com desusada frequência, com respostas do género “não estou bem a par” ou “não concordo lá muito” e variantes destas.

Neste Inquérito fizemos várias perguntas com a consciência de que as respostas necessitariam de muito espaço, de muito mais do que dispomos nesta secção. Pode ser delicado concentrar o que se pensa em poucas palavras e agradecemos o esforço de quem respondeu. A brevidade não é obrigatoriamente um defeito: respostas, mesmo sucintas, podem ser o rasilho para inflamar discussões mais completas. A propósito, recordamos que a Gazeta tem uma secção de Cartas dos Leitores.

*Questão 1: Concorda com a primeira parte da introdução a este Inquérito?*

*Questão 2: Considera-se bem informado sobre a Declaração de Bolonha?*

*Questão 3: Que pensa dela (em duas frases)?*

*Questão 4: Parece que tudo (ou quase tudo) se resume a reduzir as licenciaturas a três anos. Cada um dos três*

*ciclos encerra-se com um grau, sendo eles a licenciatura (com direito a dr.), mestrado e doutoramento. Já tivemos um sistema que poderia ter sido considerado de três ciclos com os graus de bacharel (sem direito a dr.), licenciatura (com direito a dr.) e doutoramento. Se, com Bolonha, se adoptassem as designações de bacharel, licenciado, doutor, a receptividade seria a mesma? Ou acha que a questão de se conquistar o título de dr. é de grande importância na sociedade portuguesa? Tão importante que disso pode depender a aceitação de Bolonha? Ou há mais coisas em jogo?*

*Questão 5: Diz-se que com Bolonha o trabalho dos estudantes conta e que, portanto, eles vão passar a trabalhar muito mais. Acredita que com a adopção de Bolonha, os hábitos dos estudantes mudem repentinamente?*

*Questão 6: Também há quem diga que com Bolonha se vai dar continuidade à facilitação de que o ensino tem sido objecto. Por isso os defensores do chamado “eduquês” são, em geral, grandes defensores de Bolonha. Que lhe parece?*

*Questão 7: A aceitação, mais ou menos acrítica, de Bolonha não se deu só em Portugal. Como explicar isso?*

Agnelo Figueiredo,  
Escola Secundária Felismina Alcântara de Mangualde

*Questão 1:* Genericamente, não posso concordar. De facto, ainda hoje se verificam focos de contestação à adopção de “Bolonha”, nomeadamente por parte de estudantes e docentes do superior.

*Questão 2:* Não sou um conhecedor profundo da matéria. Todavia penso que conheço as grandes linhas de orientação.

*Questão 3:* Há aspectos que me parecem muito positivos: a compatibilidade e a comparabilidade entre os sistemas de ensino superior, bem como a facilitação da mobilidade. De igual modo, o sistema de atribuição de créditos segundo critérios idênticos parece-me muito pertinente. Tudo isto, naturalmente, no quadro de uma “grande” e transnacional Europa.

Há, contudo, um aspecto em que tenho fortes dúvidas, e que considero central, que é a divisão em dois ciclos. Quer parecer-me que três anos não serão suficientes para desenvolver competências ao nível de uma licenciatura. De resto, ainda não compreendo porque é que todo o articulado da Declaração não poderia ser compatível com licenciaturas de 5 anos.

*Questão 4:* Eu diria que com a atribuição do grau de Bacharel, o sistema não seria minimamente atractivo. Ninguém quer ser Bacharel. Bacharel não dá direito a “Dr”. Acho que “Bolonha” não teria tido condições de singrar se ao fim de 3 anos “apenas” se fosse Bacharel.

Mas há ainda uma outra questão: há alguma instituição de ensino superior que não queira atribuir licenciaturas?

*Questão 5:* Os hábitos nunca mudam repentinamente. A “cultura”, a “mentalidade” é algo que apenas muda quando já mudou tudo o resto. De qualquer forma, numa primeira fase, caberá aos docentes um papel preponderante na dinamização da mudança.

*Questão 6:* Não sei se isso se liga ao facilitismo, ou ao “politicamente correcto” que norteia a acção dos nossos cientistas da educação, criadores do eduquês. É possível que a atracção pela novidade, pela mudança, pelo internacionalismo, bem como a utopia e o voluntarismo que caracterizam estes românticos, tenha tido uma importância maior.

*Questão 7:* Na Educação é muito difícil alguém ir contra o “main stream”. Se alguém não citar, e concordar, com fulano, sicrano e beltrano, dificilmente fará carreira no Ensino Superior. É uma das áreas onde o controlo ideológico se faz sentir de maneira mais intensa. E para o verificar, nem é preciso sair de Portugal. Que diferenças fundamentais encontramos entre o discurso da Educação do PCP,

do PS, do PSD ou do CDS? Se excluirmos aspectos de mera cosmética, praticamente nenhuma. Nos aspectos estruturais há uma quase absoluta unanimidade. Por isso...

Diogo Neves, aluno da Licenciatura em Matemática, Universidade do Algarve

*Questão 1:* Sim.

*Questão 2:* Não, no entanto também não procurei a informação.

*Questão 3:* Parece-me que na teoria funciona bem, mas não será assim na prática: teremos mais licenciados para irem para o desemprego, mas que foram pior formados que os actuais.

*Questão 4:* Creio que o que é importante hoje em dia para as pessoas é andar na universidade, não é sair de lá nem o nome que se lhes dá.

*Questão 5:* Não.

*Questão 6:* Concordo. Creio que o processo de Bolonha é uma maneira de facilitar o ensino ainda mais.

*Questão 7:* Tudo o que é novo tem aceitação difícil, mas não me parece que Bolonha seja uma boa ideia...

Juan-Miguel Gracia, Universidad del País Vasco, Vitoria-Gasteiz, Espanha

*Questão 1:* Hablaré de lo que pasa en España. Fuimos educados idealizando a Europa. Desde que ingresó España en la UE empezó a recibir ayudas económicas muy importantes, se construyeron muchas autopistas y dos vías para trenes de alta velocidad.

A pesar de que una décima parte de los profesores universitarios nos hemos opuesto con manifiestos firmados a la implantación acrítica de la reforma de Bolonia, las autoridades políticas y académicas siguen adelante, incluso despierta entusiasmos en algunos decanos y rectores que están a la carrera para ver quien la pone en marcha antes.

*Questão 2:* No me considero bien informado. Tengo la sensación de que hay gato encerrado. Habrá que hacer un “syllabus” de cada asignatura, y, por ejemplo, cada 20

de octubre habrá que hacer problemas sobre integrales trigonométricas.

*Questão 3:* Dicen los periódicos que en Europa los sistemas universitarios siguen siendo muy diversos. El Reino Unido tendría un sistema tutorial y con menos clases magistrales. Holanda habría hecho algunos cambios en esa dirección. Esta claro que la Unión Europea no es un estado y que cada país va por su cuenta. Con todo, el sistema de Bolonia es un calco del norteamericano. Entiendo que hace falta una estructura piramidal del profesores y monitores. En España los profesores somos sospechosos y creo que la reforma se contempla a coste cero.

Algo malo debe contener Bolonia, pues mi universidad incentiva a los profesores con aumentos de sueldo y ordenadores portátiles para captar voluntarios para la implantación de la reforma.

*Questão 4:* En España las licenciaturas serán de cuatro años, excepto la de Medicina que será de seis años. Luego habrá el título de master (¿60 ECTS?) y después el de doctor.

Parece que lo importante es la preparación de personal con habilidades de comunicación, dotes para el trabajo en equipo e idiomas modernos. Prima la parte práctica sobre la teórica en los estudios. Creo que la UE es un mercado común, y que la reforma de Bolonia intenta adecuar la fuerza de trabajo a ese espacio económico.

*Questão 5:* Los estudiantes se resisten, pues han sido educados (sic) en la creencia de que si algo no saben o no entienden es por culpa del profesor.

*Questão 6:* Está claro que Bolonia ha puesto a los pedagogos, didactas, etc. en el centro de la reforma. Nunca se las prometieron tan felices. Una vez que han destrozado las enseñanzas primaria y secundaria, decidieron rematar la faena en la universidad (nivel de estudios que algún castizo llamó enseñanza terciaria obligatoria).

Así, en mi universidad hace años que nos dan cursos a los profesores sobre: foniatría y cómo impostar la voz; cómo dar clases con las sillas formando círculo, y otras prácticas de campamento juvenil, etc.

¡Qué lejos quedan los tiempos en que la gente sabía que las Facultades estaban orientadas al Análisis y las Escuelas a la Síntesis! Ahora se habla de Centros Universitarios.

¡Innovación! ¡Innovación! ¡Cuántos dislates se cometen en tu nombre!

Pero puestos a ayudar, ¿por qué los pedagogos no nos calculan la curva de aprendizaje de cada asignatura? Estas curvas, que relacionan la cantidad de conocimiento adquirido en función de las horas empleadas, fueron inventadas por un ingeniero en un contexto industrial. Estas curvas dependen de la materia a estudiar y del profesor; pero también de parámetros tales como la ciudad, el número de estudiantes en clase, etc.

*Questão 7:* Me remito a lo contestado a la pregunta 1. También es cierto que en España la gente teme al poder y prefiere no meterse en líos; incluidos los profesores de universidad, siempre tan pendientes de las subvenciones.

Luís Sanchez,  
Universidade de Lisboa

*Questão 1:* Concordo.

*Questão 2:* Não. A responsabilidade é minha em primeiro lugar. Sempre achei o tema um pouco repelente, e como tive a sorte de não estar envolvido nas comissões para adaptação dos cursos, pude dar-me ao luxo de não me informar demasiado.

*Questão 3:* Um sistema de nivelação do ensino superior pela fasquia baixa. A penetração do eduquês e tudo o que ele representa no ensino superior.

*Questão 4:* Parece-me que haveria muito mais alarido e indignação. O título é muito importante cá no burgo.

*Questão 5:* Apetece dizer: tá-se mesmo a ver!

*Questão 6:* Concordo (ver a minha resposta 3).

*Questão 7:* Não me parece muito estranho. Há tantas más ideias que recebem a benção e o acolhimento das universidades! A concepção ingénua de que a universidade é sempre um espaço de discussão e tolerância é logo desmentida pelo proliferar desenfreado das mais abstrusas teorias cujo papel, aberta ou encapotadamente, é a legitimação do politicamente correcto mais na moda, sobrepondo uma ideologia ao método científico.